

# Marxismo *queer*: abordagens materialistas das identidades sexuais\*

GIANFRANCO REBUCINI\*\*

Este capítulo busca atualizar um conjunto de debates ligados ao materialismo, ao marxismo e ao modo de produção capitalista, que transpassaram as teorias *queer* desde a sua emergência. Esses debates foram importantes elementos de confrontação e de troca para as(os) autoras(es) *queer*. Tratar-se-á, assim, de identificar as convergências, mas também as divergências,<sup>1</sup> entre essas duas tradições. Na primeira parte, concentrar-nos-emos em particular nas semelhanças e diferenças nas concepções de materialismo e na questão da história em Butler e Marx. Apesar das divergências, as reflexões butlerianas abriram a possibilidade de um diálogo com o marxismo e de uma incorporação da economia e do modo de acumulação neoliberal nas análises *queer* das duas últimas décadas. Esse novo espaço teórico na literatura *queer*, que Stephen Shapiro designa como uma “virada econômica” (Shapiro, 2004), demonstra um interesse renovado pelas questões econômicas e pelo marxismo, interesse visto por Shapiro como uma tentativa de renovação. Se Maxime Cervulle e Nick Rees-Roberts qualificaram essa renovação teórica de

\* Artigo publicado originalmente em Maxime Cervulle, Nelly Quemener e Florian Vörös (orgs.), *Matérialismes, culture & communication: cultural studies, théories féministes et décoloniales*, tomo II, Paris, Presse de Mines, 2016, p.213-223. Traduzido por Izadora Xavier (e-mail: izadora.x@gmail.com) e revisado por Letícia Leite e Maira Abreu.

\*\* Pesquisador associado do Institut Interdisciplinaire d’Anthropologie du Contemporain-EHESS-CNRS. E-mail: gianfranco.rebucini@gmail.com

1 Sobre essa questão, ver também Floyd (2014).

“virada *queer* materialista” (2010), este capítulo busca mostrar como a questão central da relação entre as teorias *queer* e marxistas não é tanto a do materialismo, que elas compartilham de uma maneira ou de outra, mas antes a de uma possível convergência em direção a um verdadeiro “marxismo *queer*”. Sendo assim, concentrar-nos-emos sobretudo na literatura *queer* que não necessariamente se reivindica como marxista, a fim de mostrar suas afinidades e distâncias teóricas com o marxismo. Nesse sentido, nossa análise será direta ou indiretamente baseada nos trabalhos recentes de Rosemary Hennessy (2000), Kevin Floyd (2013), Peter Drucker (2014) e Alain Sears (2005), no que já chamamos de “marxismo *queer*”.

### **Materialidade, materialismo histórico e teorias *queer***

Nos anos 1990, momento de ascensão das teorias *queer*, um ceticismo mútuo e generalizado caracterizou a relação entre essas teorias e o marxismo. Esse ceticismo mútuo tem uma série de causas históricas mais ou menos diretas. Por exemplo, a tendência de um certo marxismo a reduzir questões de gênero e de sexualidade a simples manifestações culturais da base econômica, como fenômenos superestruturais determinados, é bastante conhecida. A influência das teorizações relativamente antimarxistas de Michel Foucault, no início do desenvolvimento da teoria *queer*, teve provavelmente um papel igualmente importante. Esse ceticismo se materializou numa série de trabalhos marxistas críticos e intransigentes em relação à teoria *queer* (Morton, 1993; 1996; 2001; Hennessy, 2000), assim como numa certa ambivalência perante a tradição marxista nas produções teóricas *queer* do período (Berlant, 1991; Berlant; Freeman, 1993; Patton, 1993; Warner, 1993).

A difícil relação entre teorias *queer* e marxismo se cristalizou de forma clara em um artigo de Judith Butler de 1997, “Meramente cultural”, resultado de uma intervenção da filósofa estadunidense em um colóquio organizado pela revista marxista *Rethinking Marxism*, um ano antes. Naquela ocasião, Butler endereçou uma crítica mordaz contra uma parte do campo marxista que ela acusava de querer (mais uma vez) “relegar os novos movimentos sociais” e, particularmente, as lutas das minorias sexuais “à esfera da cultura, decerto para desqualificá-los como estando preocupados com o que é chamado ‘meramente’ cultural, e então conceber essa política cultural como sectária, identitária e particularista” (Butler, 2001, p.201).

Se a questão levantada pela filósofa americana contra uma certa ortodoxia marxista que busca construir um campo político “progressista e unificado” é primeiramente uma questão política inscrita nos debates da esquerda anglo-saxã da época, ela não deixa de ter implicações epistemológicas para as relações entre as políticas, as práticas e as teorias *queer* e o marxismo. Nesse sentido, essa intervenção marca também, e paradoxalmente, o início de um diálogo renovado entre teoria *queer* e marxismo. Mais especificamente, o debate que Butler inicia nesse texto sobre as teses de Nancy Fraser acerca da distinção entre políticas de

redistribuição e políticas de reconhecimento (Fraser, 1997a) traz à luz um possível mal-entendido em relação à questão do materialismo nas duas tradições, assim como a vontade de mostrar pontos possíveis de concordância, em especial sobre questões econômicas.

Butler enfatiza corretamente que:

A acusação de que os novos movimentos sociais são “meramente culturais”, de que um marxismo progressista e unificado deveria retornar a um materialismo baseado em uma análise de classe objetiva, presume ela mesma que a distinção entre a vida material e a vida cultural é estável. E esse recurso a uma distinção aparentemente estável entre a vida material e a cultural é claramente um renascimento de um anacronismo teórico, o qual desacredita as contribuições à teoria marxista desde o deslocamento do modelo base-superestrutura de Althusser, assim como várias formas de materialismo cultural (por exemplo, de Raymond Williams, Stuart Hall e Gayatri Chakravorty Spivak). (Butler, 2001, p.204)

A crítica de Butler às teses de Fraser concentra-se, na verdade, na topografia dos diferentes tipos de justiça social que esta última propõe. Em sua obra *Justice Interruptus*, Fraser caracteriza a fragmentação da esquerda contemporânea em termos de uma distinção analítica entre uma política de “redistribuição”, que responderia às injustiças fundadas nas estruturas materiais, socioeconômicas, e uma política de “reconhecimento”, que, ao contrário, responde a diversas formas simbólicas nas quais a injustiça, cultural, enraíza-se na “representação, interpretação e comunicação” (Fraser 1997a, p.14). Fraser não só afirma que o exemplo paradigmático da política de redistribuição é a política de classe ou o socialismo, mas também que o exemplo paradigmático da política de reconhecimento é a política das minorias sexuais. As políticas de raça e sexo seriam, por sua vez, “ambivalentes”, porque impossíveis de ser caracterizadas apenas pelos termos de uma categoria ou de outra. Ela sugere que os sujeitos produzidos pelas hierarquias de gênero e raça são “sujeitos paradigmáticos do dilema redistribuição-reconhecimento” (Fraser, 1997a, p.28), que uma política progressista “pós-socialista” deveria buscar resolver. No entanto, ela deixa subentender que a política de classe e as políticas de sexualidade estão nos extremos do espectro redistribuição-reconhecimento e, conseqüentemente, são duas das formas mais polarizadas e irreconciliáveis da política progressista contemporânea; difíceis, se não impossíveis, de ser articuladas. Segundo Butler, Fraser

reproduz a divisão que localiza certas opressões como parte da política econômica, e relega outras à esfera exclusivamente cultural. Abrindo um leque que abarca desde a economia até a cultura política, ela situa as lutas lésbicas e gays no polo cultural desse espectro político. (Butler, 2001, p.208)

Na resposta publicada na revista *Social Text*, Fraser mostra que a crítica de Butler implica uma confusão teórica entre material e econômico. Dessa forma, para Fraser, ainda que Butler pareça afirmar uma interpretação do heterossexismo como “uma expressão direta da estrutura econômica da sociedade”, ela não consideraria a questão das relações de produção que são o fundamento da política econômica das sociedades capitalistas (Fraser, 1997b, p.283). Ao confundi-la com a questão dos efeitos materiais do heterossexismo, Butler curto-circuita a questão da estrutura econômica e falha em explicar de que forma “os prejuízos econômicos de homossexuais estariam profundamente arraigados nas relações de produção” (Fraser, 1997b, p.283). Da mesma forma que Butler, Fraser não nega que as políticas de reconhecimento, fundadas principalmente em um *status* particular na sociedade, possam ter efeitos materiais ou econômicos na vida das pessoas afetadas por essas posições. Ela insiste, contudo, na diferença fundamental entre estas políticas e aquelas que têm por fundamento as relações de produção (como, por exemplo, as políticas de classe e, parcialmente, as de gênero). Nesse sentido, para Fraser, “os danos econômicos do heterossexismo [são] como consequências distributivas *indiretas* da injustiça mais fundamental de falso reconhecimento” (Fraser, 1997b, p.283, ênfase do autor), e não uma expressão direta da estrutura econômica. De toda forma, a troca entre as duas autoras define ao menos duas questões fundamentais relativas ao diálogo possível entre teoria *queer* e marxismo.

Por um lado, Butler desenha – de maneira imprecisa – uma concepção materialista da sexualidade que levaria em conta o modo de produção capitalista. Nos seus trabalhos posteriores, ela não chegará a desenvolver a ligação entre sexualidade e relações de produção capitalistas (Arruzza, 2015, p.29); no entanto, sua crítica ao marxismo ortodoxo iniciou um diálogo importante com um marxismo não reducionista e não economicista, abrindo a possibilidade de uma “virada econômica *queer*” que fosse além da “moda desconstrutivista lúdica de certos trabalhos da teoria *queer* dos anos 1990” (Cervulle; Rees-Roberts, 2010, p.112), como veremos na próxima seção.

Por outro lado, se Fraser aponta o problema da ambiguidade da categoria “materialismo” empregada por Butler, que seria diferente da economia, essa ambiguidade se mostrou produtiva. A insistência de Butler na materialidade das sexualidades e dos corpos, que ela explora particularmente em *Bodies That Matter*, publicado em 1993, abre discussões nos estudos *queer* que buscam, por vezes, construir pontes com as teorizações materialistas do marxismo.

De fato, como lembrou recentemente Elsa Dorlin, pode-se encontrar na teoria *queer* uma abordagem materialista que reconhece o caráter profundamente material da produção, da hierarquização e dos efeitos da sexualidade sobre os sujeitos (Dorlin, 2007). A filósofa francesa afirma: “Uma parte da teoria *queer* é na verdade um materialismo renovado, atualizado, interessado pela materialidade dos corpos, pela forma como esses corpos são produzidos pela dominação” (Dorlin, 2007, p.58). Contudo, na linha de Butler, Dorlin introduz uma concepção do

materialismo diferente daquela do marxismo. O materialismo do qual Dorlin fala não é uma materialidade econômica, das relações de classe, mas uma materialidade fenomenológica (Ahmed, 2006). Esse tipo de concepção explica a produção de corpos materiais a partir das (e nas) relações de poder que constituem as sexualidades. Trata-se de uma materialidade e de um materialismo da subjetividade e não de relações sociais.

O trabalho de Butler dos anos 1990 teve um papel essencial nessa teorização *queer* e construtivista da materialidade. Em *Trouble dans le genre* [Problemas de gênero], por exemplo, publicado em 1990, Butler se dedica a uma crítica profunda de um sujeito mulher universal e mostra como a sexualidade (em particular o tabu da homossexualidade) informa a construção social do gênero. Adotando uma perspectiva amplamente influenciada por Jacques Derrida e o pós-estruturalismo lacaniano, ela ressalta de que modo a incorporação da heterossexualidade determina a construção da diferença de gênero. Esta é produzida pela reiteração, pela imposição discursiva e pelo poder de desempenho das normas. No mesmo ano (1990), em *Epistemology of the Closet*, Eve Sedgwick analisa e critica a estruturação da cultura ocidental a partir da bicategorização hetero/homossexual. A influência determinante de Foucault e de uma reflexão radicalmente construtivista são duas características importantes desses primeiros trabalhos clássicos da teoria *queer*. O interesse capital se dirigia para a esfera cultural, por meio de uma análise discursiva foucaultiana. A ênfase que a teoria *queer* havia colocado sobre o discurso e a cultura em sentido amplo e a falta de uma reflexão sobre o corpo e a materialidade tinham sido alvo de críticas, mais ou menos justificadas.

Em *Bodies That Matter*, Butler responde às críticas ao *Trouble dans le genre*. Ao se concentrar unicamente nos aspectos discursivos da sua produção, essa obra foi acusada de negligenciar a materialidade dos corpos. Nesse sentido, certas críticas feministas (entre as quais Cheah, 1996; Barad, 2003; Clough, 2007) acusaram Butler de ter reduzido a matéria unicamente à cultura. Mais do que demonstrar a materialidade da sexualidade, em *Bodies That Matter* Butler insiste em compreender a construção sexual da materialidade dos corpos, entendida como um processo historicamente construído pela sedimentação de normas, injunções discursivas e hierarquizações decorrentes de relações de poder, cujo resultado é o de naturalizar corpos e sexos.

Ao analisar as teorizações marxianas da matéria, Butler encontra uma semelhança entre sua própria abordagem e a abordagem marxista. Ela destaca que, em Marx, o fator temporal é essencial na descrição dos “objetos”. Para Marx, um objeto sempre é, na verdade, fruto do trabalho do homem sobre uma matéria. Além disso, a própria matéria é, para Marx, resultado da transformação da natureza pelo homem (Butler, 1993, p.250, nota 5). Contudo, diferentemente do materialismo histórico marxista, a história que interessa a Butler é uma história da materialização do discurso, não uma história dos discursos como informados por relações sociais determinadas. Nesse sentido, ela enfatiza a importância da

*historicidade* da prática discursiva, o caráter processual da “sedimentação das convenções pelas quais ela é produzida e se torna legível” (Butler, 2009, p.229), mais do que a *história* das condições materiais de possibilidade dessas práticas (Arruzza, 2015). Essa concepção da materialidade é mais próxima de uma concepção fenomenológica, que depois será encontrada nos trabalhos de Sara Ahmed. Em um artigo de 2010, “Orientations Matter”, Ahmed interpreta a teorização de Butler em termos fenomenológicos. Segundo ela, essa abordagem

explora a forma pela qual os corpos são modelados por diferentes histórias, que eles performam em suas posturas e gestos. Husserl e Merleau-Ponty descrevem afinal os horizontes corporais como “histórias sedimentadas”. Esse modelo da história como sedimentação corporal foi retomado tanto na teoria social quanto na filosofia [...]. Para Judith Butler, é precisamente a forma pela qual a fenomenologia expõe a “sedimentação” da história na repetição da ação corporal que faz dela um recurso útil para o feminismo. (Ahmed, 2010, p.246)

Em *Queer Phenomenology*, Ahmed também propõe uma aproximação entre sua própria abordagem fenomenológica da matéria dos objetos e a de Marx. Discutindo o exemplo da mesa que Marx usa para explicar sua teoria da mercadoria em *O capital*, Ahmed sublinha a importância da história para a teoria marxiana, ou seja, a transformação da matéria (madeira) em forma (mesa) por meio do trabalho. Desse modo, para Ahmed: “Se estendermos a crítica da mercadoria feita por Marx à própria matéria da madeira e à forma da mesa, uma abordagem marxista pode nos permitir considerar a história do que ‘aparece’ como o produto de uma história de trabalho” (Ahmed, 2006, p.43).

Se Butler e Ahmed insistem na semelhança entre as suas teorizações da materialidade e a de Marx – ambas ressaltam a concepção transformativa e temporal da matéria em Marx –, Kevin Floyd enxerga também

a profunda repercussão, na análise de Butler, da rejeição de Marx ao empirismo ingênuo, [que não saberia ignorar] a importância [...] da distinção sobre a qual insiste Marx – mas não Butler – entre o temporal e o histórico. Para Marx, a materialidade não é simplesmente temporal, mas também social e histórica. (Floyd, 2013, p.162)

Em Butler e Ahmed, a matéria é temporal, ao passo que em Marx a matéria é histórica: ela pode e deve ser investigada como resultado das relações sociais que estão presentes em diferentes modos de produção. Para Marx, cada modo de produção organiza o tempo de uma forma que lhe é própria. Se o tempo continua sendo um elemento importante nas duas abordagens, Marx considera “a forma historicamente específica na qual o tempo é organizado” (Arruzza, 2015, p.38) sob o capitalismo, enquanto a abordagem fenomenológica se concentra na temporalidade da matéria, adotando “uma historicidade sem história” (Arruzza, 2015,

p.36). Para Marx, não se trata apenas de considerar a temporalidade processual por meio da qual a matéria é constituída e transformada pelo trabalho, mas também a função específica que o trabalho ocupa no capitalismo. Além disso, no capitalismo encontram-se entrelaçadas temporalidades discordantes e conflitivas (Bensaïd, 1995; Tomba 2012), que precisam ser consideradas. Apesar das tentativas de aproximação do marxismo operadas por Butler e Ahmed, a não incorporação da questão dos efeitos dos modos de produção capitalista e econômico por uma parte dessas teóricas *queer* permanece um obstáculo importante para a possibilidade de compartilhar uma concepção comum do materialismo. Entre o fim dos anos 1990 e o início dos 2000, assiste-se, todavia, a uma tentativa, vinda das(os) autoras(es) *queer*, de incorporar de forma efetiva os efeitos econômicos do capitalismo e de continuar assim o diálogo com o marxismo.

### A “virada econômica” da segunda onda *queer*

Se a primeira teoria *queer* tinha por base uma “insatisfação frente ao regime do normal”, como enfatiza Michael Warner (1993, p.XXVII), interessando-se quase que exclusivamente pela “constituição ‘cultural’ do sujeito sexual”, uma segunda onda *queer* se interessa agora pelas “relações econômicas da sexualidade” (Merck, 2004, p.82).

Essa “virada econômica” pode ser vista em ao menos dois campos de estudo, que, no entanto, continuavam intimamente ligados: uma renovação da crítica centrada em torno da raça e das sexualidades em “diáspora”, que se confronta aos efeitos da globalização, e uma crítica da mercantilização e da normalização das sexualidades ligada ao neoliberalismo. Em 1997, em um número especial da revista *GLQ* (sob o tema *queer transsexions of race, nation and gender*), organizado por Philip Brian Harper, Ann McClintock, José Esteban Muñoz e Trish Rosen, essas(es) autoras(es) consideravam que levar em conta as “inter-relações de raça, sexualidade e gênero em um contexto transnacional permitiria criar um diálogo entre os projetos das teorias *queer*, pós-coloniais e das teorias críticas da raça, em ligação com uma análise feminista que foi ela própria um fator-chave da crítica da identidade social” (Harper et al., 1997, p.1). Alguns anos mais tarde, na introdução de uma obra coletiva, Arnaldo Cruz-Malavé e Martin Manalansan afirmam que o “imaginário *queer* é a partir de agora globalizado” (2002, p.1). Por meio dessa fórmula, os dois autores faziam também uma crítica aos estudos gays, lésbicos e *queer* que produziram um saber quase que exclusivamente construído a partir da história dos movimentos de minorias sexuais euro-americanas brancas. Esse deslocamento teórico pós-colonial buscava *provincializar* a epistemologia sexual e os lugares de aplicação das teorias *queer*,<sup>2</sup> especialmente a partir da consideração de questões de raça, etnia e nacionalidade que, não obstante as vontades iniciais

2 Refiro-me aqui ao título do célebre livro de Dipesh Chakrabarty, *Provincializar a Europa* (2000). (N. A.)

anunciadas, permaneceram frequentemente à margem das reflexões dos estudos *queer*. A crítica ao capitalismo e uma análise rigorosa dos fenômenos de circulação e de globalização são centrais nesses estudos.

Para além da influência dos estudos pós-coloniais e subalternos, que se tornavam influentes nessa época no meio universitário anglo-saxão, essa abordagem crítica se nutriu da tradição materialista dos *Cultural Studies*, nos quais as questões de raça e de etnicidade são tratadas a partir dos laços que entretêm com as questões econômicas e sempre numa perspectiva política mais global de crítica ao capitalismo. Um dos autores *queer* que mais se serviram do marxismo nesses últimos anos é Roderick Ferguson. Esse autor introduz uma perspectiva crítica que nomeia de *queer of color critique*, a qual “considera a cultura como um espaço de produção simultânea de antagonismos e identificações aos ideais normativos promovidos pelo Estado e pelo capital” (Ferguson, 2003, p.3). Nesse sentido, a análise *queer of color* mostra um forte interesse pela materialidade e mobiliza, entre outros, o marxismo, a fim de propor uma abordagem materialista da raça, do gênero e das sexualidades. No entanto, se Ferguson reconhece na crítica marxista, especialmente em Althusser, a capacidade de levar em consideração o entrelaçamento das esferas cultural e econômica, ele critica as familiaridades ideológicas entre a tradição marxista, o liberalismo e o “nacionalismo revolucionário”, que têm por base, para ele, um tratamento determinista e reducionista da raça, do gênero e da sexualidade. Por essa razão, Ferguson dá continuidade e amplifica a crítica de Butler a um certo “marxismo ortodoxo”, destacando como o marxismo reducionista e economicista herdou da ideologia liberal a concepção segundo a qual raça, gênero e sexualidades seriam elementos fundamentalmente independentes da esfera econômica (Ferguson, 2003, p.3). A “crítica *queer* de cor” “recusa as ideologias da transparência e do determinismo que contribuíram para as constituições do marxismo, do nacionalismo revolucionário e do pluralismo liberal” (Ferguson, 2003, p.3). Ao contrário do marxismo e do nacionalismo revolucionário, para os quais a raça e a classe nunca foram mais do que questões secundárias para pensar as relações econômicas e a nação, a análise *queer of color*

opta por uma compreensão da nação e do capital como produto de interseções múltiplas que contradizem a ideia do Estado-Nação liberal e do capital como espaços de resolução, de perfeição, de progresso e de confirmação. Na verdade, a ideologia liberal capitalista trabalha em favor da supressão dos diferentes componentes das formações capitalistas e do Estado. Na medida em que o marxismo e o nacionalismo revolucionário recusam o papel mutuamente produtivo da raça, do gênero e das sexualidades nas relações políticas e econômicas, isso implica que eles sejam prisioneiros da ideologia liberal. (Ferguson, 2003, p.3-4)

Ferguson propõe análises sobre raça e sexualidades que dão um espaço importante para o marxismo, ao mesmo tempo que estabelecem com este um diálogo

crítico. Trata-se, para Ferguson, de criticar aspectos do marxismo que não conseguiram incorporar as interseções de raça, gênero e sexualidades como componentes fundamentais da sociedade capitalista. Retomando um conceito de Muñoz (1999), Ferguson propõe um método de “desidentificação” para manejar a classe e a raça como categorias de análise úteis para pensar o gênero e as sexualidades *of color* [em inglês no original, N. T.]. Por meio do trabalho de desidentificação, Ferguson destaca a importância de repensar as categorias do materialismo histórico para avaliar a sua eficácia e pertinência no estudo da “materialidade da raça, do gênero e da sexualidade” (Ferguson, 2003, p.5), “a partir de uma perspectiva de um sujeito minoritário que está em posição inferior em uma hierarquia representacional” (Muñoz, 1999, p.25). Crítico das teses de Fraser, Ferguson adverte contra os limites do simples *reconhecimento* dos sujeitos *queer of color* e ressalta sobretudo a necessidade de “abordar esses sujeitos como posições de conhecimento” plenos. Ferguson afirma que, “nesse momento histórico caracterizado pela normalização das formações racializadas de classe, precisamos de modos de análise que possam responder à normatividade como objeto de pesquisa e de crítica” (Ferguson, 2003, p.148). Ele encontra tais modos de análise precisamente nesse materialismo histórico “desidentificado”. Segundo Ferguson, a desidentificação das categorias marxistas por parte da *queer of color critique* torna-se tanto mais importante na medida em que essa abordagem “posiciona a si mesma no interior de um modo de crítica conhecido como materialismo histórico” (Ferguson, 2003, p.4). Trata-se de compreender a racialização da classe a partir do sujeito *queer of color*, do seu posicionamento histórico particular no capitalismo, na interseção entre classe, raça e sexualidade, que lhe oferece um ponto de vista epistemológico específico no interior do materialismo histórico.

A crítica à lógica liberal de autonomização das esferas econômicas e culturais também perpassa o trabalho de outras(os) autoras(es) da teoria *queer* que analisam mais especificamente os efeitos da economia capitalista nas subjetividades sexuais contemporâneas e/ou nas subjetividades racializadas. Essas análises têm por fundamento a apreensão do neoliberalismo como, ao mesmo tempo, uma forma específica de acumulação do capital, mas também como sistema ideológico e político de governo dos corpos por intermédio de uma redefinição comercial da divisão público/privado, pela promoção da responsabilidade pessoal, pela autonomia individual e pela valorização da liberdade de escolha, em particular da liberdade de compra.

Em *The Twilight of Equality*, Lisa Duggan (2004), ao analisar a conjuntura contemporânea dos movimentos de reivindicação que evoluem no contexto do capitalismo neoliberal, constata que, “enquanto a esquerda progressista continuar a se representar e a se reproduzir em setores, opondo o econômico ao cultural, o universal às identidades, a distribuição ao reconhecimento, o local ou o nacional ao global, ela se perderá de si mesma” (Duggan, 2004, p.45). Essa crítica da esquerda vai ao encontro daquelas que Butler fez aos marxistas, que mencionamos

anteriormente. Como Ferguson, Duggan sublinha que as oposições retóricas que a esquerda parece tomar como evidentes são, na verdade, resultado histórico da própria lógica do capitalismo neoliberal imposto pela direita que, nos anos 1970 e 1980, reativou uma filosofia política liberal que separa a vida econômica do político, do cultural e da subjetividade. Essa autonomização da economia é tributária de uma retórica para a qual o mercado e o capitalismo deveriam ser considerados como independentes das relações sociais materiais, seguindo regras que lhes são próprias. Mais uma vez, raça, gênero e sexualidades são relegadas à esfera do “meramente cultural”. Essa separação ideológica impediria de considerar as lutas de reivindicação de gênero, raça, sexualidade ou outras como inscritas na estrutura capitalista, e como sendo também lutas econômicas. A lógica neoliberal esconde, pois, o fato de que as lutas políticas por “reconhecimento” são, igual e simultaneamente, lutas pela “redistribuição”, afastando a possibilidade de ver essas reivindicações como um ponto de partida particular e situado para uma política mais ampla de transformação de toda a sociedade.

Em um artigo de 2002, que analisa mais detidamente as políticas de reivindicação das minorias sexuais, Duggan observa que o neoliberalismo produziu uma “política sexual” específica que ela chama de “nova homonormatividade”, definindo-a como “uma política que não contesta as hipóteses e as instituições dominantes, mas as conserva, favorecendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma desmobilização política e de uma privatização da base gay, assim como de uma cultura gay despolitizada e ancorada na esfera doméstica e no consumo” (Duggan, 2002, p.179). Ela busca, então, estudar a homonormatividade em sua ligação com a economia política específica das sociedades ocidentais contemporâneas, considerando que a passagem das reivindicações “revolucionárias” dos anos 1970 às políticas de assimilação e normalização dos anos 1990 e 2000 é resultado de uma mudança histórica no modo de acumulação nas sociedades capitalistas. As políticas de inclusão e assimilação, tais como as reivindicações por igualdade, pelo direito ao casamento e à adoção, por exemplo, inscrevem-se numa nova fase histórica neoliberal de governo dos corpos e das sexualidades, pois reproduzem lógicas de expansão do mercado, de mercantilização, de consumo, de privatização e de responsabilização individual. A instituição do casamento é, na verdade, fundamentada nas lógicas da exclusividade afetiva e da privatização da sexualidade, além de ser o principal espaço de consumo do capitalismo tardio.

A partir dos anos 1990, o processo neoliberal de diferenciação extrema e de isolamento das políticas de reivindicação afetou também as políticas das minorias sexuais. Michael Warner explica a normalização que se realiza por meio das reivindicações por igualdade de direitos, pela eliminação da “diferença” dos sujeitos *queer*. Ele assinala, na verdade, que essa normalização se produziu principalmente com um processo de “purificação” e de “gentrificação”, por meio do qual os sujeitos LGBT, sobretudo gays, foram culturalmente reavaliados como cidadãos normativos dessexualizados (Warner, 1999). Duggan (2004, p.43-66)

nota que, nos Estados Unidos, certos grupos e associações LGBT assumiram uma estratégia de “despoliticização” do discurso, contestando, por exemplo, a distinção tradicional entre esquerda e direita. *Think-thanks*, como o *Independant Gay Forum*, promoveram uma chamada “terceira via”, opondo-se simultaneamente aos ataques reacionários da direita religiosa e às políticas de movimentos *queer* como *Act Up* e *Queer Nation*, julgados muito radicais e taxados de extremistas. Por esse viés, esse tipo “despoliticizado” de política veicula uma concepção de sociedade fundada em um “multiculturalismo neoliberal”, ou seja, uma forma oficial de diversidade reconhecida pelo Estado que reduz a raça, a nacionalidade, a sexualidade etc. a questões “meramente culturais”, separando-as hermeticamente entre elas, mas também da economia e das questões sociais. Segundo Duggan, esses partidários das políticas *mainstream* por igualdade de direitos

se distanciaram dos *lobbies* pelos direitos civis e das organizações pelo reconhecimento das identidades, sustentando a necessidade de abandonar uma afiliação à esquerda progressista e escolhendo a etiqueta neoliberal das políticas de identidade/igualdade. Essas organizações, militantes e escritores promovem uma política *colorblind* (cega à raça) contra as políticas de discriminação positiva, por um “feminismo da paridade” de inspiração libertária/conservadora e por uma “normalidade” gay. (Duggan, 2004, p.44)

O multiculturalismo neoliberal é sustentado particularmente por sujeitos gays e lésbicos brancos, “cisgêneros”,<sup>3</sup> de classe média ou superior; aqueles que, no plano econômico, têm as melhores condições econômicas e que, dessa forma, podem melhor usufruir da abertura dos direitos ao casamento e à adoção. Por meio das campanhas de reconhecimento de direitos defendidos pelas associações mais ricas e influentes, esse tipo particular de sujeito adquiriu uma enorme visibilidade, produzindo um discurso dominante segundo o qual eles seriam majoritários na comunidade LGBT. Essa visibilidade e o discurso hegemônico sobre a prevalência desses sujeitos revelam um fenômeno de produção de subjetividade que Kevin Floyd chamou de formas de “visibilidade de intensidade capitalística [capital-intensive]” (2009, p.200),<sup>4</sup> ou seja, formas de visibilidade criadas pelo investimento maciço das políticas de marketing de venda e de consumo que visam principalmente os sujeitos LGBT privilegiados do ponto de vista de classe e de raça. Alexandra Chasin (2000) sugere que, a partir dos anos 1970, nos Estados Unidos, assistiu-se a um aumento do interesse das grandes empresas pela criação de

3 O termo “cisgênero” foi forjado como oposto a “transgênero”. (N. E.)

4 Retomo aqui a versão original do livro de Floyd, e não a tradução francesa na qual já não se encontra a noção de “intensificação” do original estadunidense. Sobre a questão da visibilidade induzida pelo capitalismo e pela mercantilização das identidades sexuais, ver também Rosemary Hennessy (1994-1995) e Kevin Floyd (1998). (N. A.)

nichos de mercados dedicados especificamente a grupos étnicos ou *culturais* de consumidores. Esse trabalho de “marketing cultural” utilizou a “diversidade” cultural como indicador e imperativo econômico. Nos anos 1990, baseado em estudos de mercado sobre pessoas com grande poder aquisitivo (homens brancos gays de classe média ou superior), um “marketing gay” produziu no senso comum, por meio de campanhas de publicidade, uma visibilidade gay que caracteriza os sujeitos LGBT “em geral” como dotados de alto poder aquisitivo (ver também Floyd, 2013).

David Eng define essa situação contemporânea, na qual a luta por direitos formais permanece o horizonte hegemônico das formações LGBT, como um “liberalismo *queer*”. Focando no contexto dos Estados Unidos, Eng descreve esse tipo de liberalismo como “uma confluência contemporânea particular das esferas políticas e econômicas que constituem o fundamento para a inclusão liberal na cidadania de certos sujeitos gays e lésbicos” (2010, p.3). Ao analisar o processo *Lawrence vs Texas* de 2003, que conduziu à despenalização da sodomia com consentimento entre adultos, Eng sublinha que o reconhecimento político da sexualidade enquanto atividade relegada à vida privada constitui um privilégio cultural e ideológico. A intimidade doméstica e o casal monogâmico consumidor constituem, assim, a base de uma “boa cidadania” sexual (ibid., p.25), que se inscreve perfeitamente nas lógicas do capitalismo neoliberal que a produz.

Ann Pellegrini (2002) e Lisa Peñaloza esclareceram como, a partir dos anos 1990, a produção de certos sujeitos gays e lésbicos de classe média e brancos como “consumidores” instigou nesses sujeitos “um sentimento profundo de legitimação e validação social” (Peñaloza, 2008, p.306), pois eles se integravam assim à retórica neoliberal que considera o mercado e o consumo como espaços de emancipação democrática.<sup>5</sup> Diane Richardson (2005, p.522) lembra, todavia, que a inclusão na cidadania de alguns sujeitos LGBT, por meio da abertura de direitos e da tolerância social relativa que lhes foi acordada, comportou ao mesmo tempo uma exclusão dos grupos *queer* que não puderam ou não quiseram se conformar ao modelo hegemônico do “liberalismo *queer*”. De uma forma geral, Jordana Rosenberg e Amy Villarejo observam como esse processo de inclusão/exclusão, esse “‘multiculturalismo neoliberal’ encobre a dependência estrutural do capitalismo em relação ao racismo e ao imperialismo na sua busca aparentemente infinita por gerar e conservar lucro” (2012, p.2).<sup>6</sup> Como enfatiza Lisa Duggan (2004), de fato o “multiculturalismo neoliberal” organiza a distinção fictícia entre esfera cultural e material. Essa distinção ideológica é funcional para a organização

5 Muitas(os) autoras(es) destacam como a participação dos sujeitos LGBT no mercado como “sujeitos consumidores” e o apoio que estes oferecem às normas culturais e aos valores dominantes foram instrumentos de inclusão social altamente eficazes: David Evans (1993), David Bell e John Binnie (2000), Davina Cooper (2004).

6 Sobre esse ponto, ver também Jodi Melamed (2006), Jasbir Puar (2007) e Nikhil Pal Singh (2005).

do sistema capitalista e para o modo de acumulação neoliberal. Nesse sentido, e ao contrário da concepção de Nancy Fraser que vê as identidades sexuais como meramente culturais, essas identidades são produto de uma organização do capital e, em particular, do modo de produção fordista (D’Emilio, 1983; Floyd, 1998; 2013). Enquanto produções do capitalismo, as formações sexuais e as identidades a elas associadas permanecem ligadas à sua política econômica, ainda que de forma contraditória (Floyd, 1998). Elas são produto do capitalismo, mas também se encontram com frequência em uma posição de exterioridade em relação a ele, na medida em que desafiam a estrutura eminentemente heterocentrada do sistema.

\*\*\*

Gayle Rubin (2010) mostrou como as sociedades ocidentais organizam as sexualidades hierarquizando-as segundo uma estratificação material e simbólica, que coloca no topo da hierarquia a heterossexualidade e exclui as práticas e as identidades sexuais consideradas como abjetas. Em seu trabalho sobre formações sexuais, Kevin Floyd mostra a contradição histórica do capital ante a homossexualidade, como simultaneamente produto do modo de produção capitalista, em especial em seu período fordista, e elemento sempre perturbador e desafiador da ordem heterossexual necessária à reprodução e acumulação capitalistas (1998). Essa contradição histórica se revela também na tentativa contínua do capitalismo de subsumir as identidades sexuais por meio da mercantilização, pela resistência permanente e pela fuga de identidades e posições que encontram espaços e configurações no limite, no exterior e nos interstícios culturais e materiais do sistema capitalista. Se o capitalismo neoliberal busca transformar as subculturas *queer* e LGBT em mercadoria, isso não altera o fato de que essas culturas e as políticas que delas derivam ou que as informam tenham uma função sempre desestabilizadora para o capitalismo, pois se baseiam em processos de negação estrutural do capitalismo, que precisa sempre de um exterior (Harvey, 2010), e portanto, da abjeção, de um fora de si para fazer funcionar a máquina da acumulação e seu processo de expansão. Por meio de uma reelaboração *queer* do marxismo e uma elaboração marxista das teorias *queer*, o que chamamos de “marxismo *queer*”, de Floyd, Hennessy, ou ainda de Alain Sears (2005) e de Peter Drucker (2014; 2015), tenta mostrar que as formações *queer* podem ser produto do capital e prisioneiras de suas lógicas – podem também ser a sua negação ideológica e material e, assim, constituir uma posição social de emancipação. O diálogo crítico, feito de convergências, mas também de divergências, entre esse “marxismo *queer*” e o “materialismo *queer*”, que tentamos resumir neste capítulo, apenas acabou de começar.

### Referências bibliográficas

AHMED, Sara. *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others*. Durham: Duke University Press, 2006.

- AHMED, Sara. Orientations Matter. In: COOLE, Diana; FROST, Samantha (eds.). *The New Materialism: Ontology, Agency, and Politics*. Durham: Duke University Press, 2010. p.234-257.
- ARRUZZA, Cinzia. Gender as Social Temporality: Butler (and Marx). *Historical Materialism*, v.23, n.1, 2015, p.28-52.
- BARAD, Karen. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v.28, n.3, mar. 2003, p.801-831.
- BELL, David; BINNIE, John. *The Sexual Citizen: Queer Politics and Beyond*. Oxford: Polity Books, 2000.
- BENSAID, Daniel. *La Discordance des temps: essais sur les crises, les classes, l'histoire*. Éditions de la Passion, 1995.
- BERLANT, Lauren. *The Anatomy of National Fantasy: Hawthorne, Utopia, and Everyday Life*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- BERLANT, Lauren; FREEMAN, Elizabeth. Queer Nationality. In: WARNER, Michael (ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p.193-229.
- BUTLER, Judith. Simplement culturel? *Actuel Marx Confrontation*, n.30, 2001, p.201-216. [Ed. orig.: Merely Cultural. *Social Text*, n.52-53, 2001 (1997), p.265-277.]
- \_\_\_\_\_. *Trouble dans le genre: le féminisme et la subversion de l'identité*. Paris: La Découverte, 2006 [1990]. [Ed. bras.: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.]
- \_\_\_\_\_. *Ces corps qui comptent: de la matérialité et des limites discursives du sexe*. Paris: Éditions Amsterdam, 2009 [1993].
- CERVULLE, Maxime; REES-ROBERTS, Nick. *Homo exoticus: race, classe et critique queer*. Paris: Armand Colin, 2010.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincialiser l'Europe: la pensée post-coloniale et la différence historique*. Paris: Éditions Amsterdam, 2009 [2000].
- CHASIN, Alexandra. *Selling Out: the Gay and Lesbian Movement Goes to Market*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2000.
- CHEAH, Pheng. Mattering. *Diacritics*, v.26, n.1, 1996, p.108-139.
- CLOUGH, Patricia Ticineto. Introduction. In: CLOUGH, Patricia; HALLEY, Jean (eds.). *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke University Press, 2007. p.1-33.
- COOPER, Davina. *Challenging Diversity: Rethinking Equality and the Value of Difference*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CRUZ-MALAVÉ, Arnaldo; MANALANSAN, Martin F. Introduction: Dissident Sexualities/Alternative Globalisms. In: *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism*. Nova York: New York University Press, 2002.
- D'EMILIO, John. Capitalism and Gay Identity. In: SNITOW, Ann; STANSELL, Christine; THOMPSON, Sharon (eds.). *Powers of Desire: the Politics of Sexuality*. Nova York: Monthly Review Press, 1983. p.100-113.
- DORLIN, Elsa. Le queer est un matérialisme. In: TRAT, Josette et al. *Femmes, genre, féminisme*. Paris: Éditions Syllepse, 2007 (col. "Les Cahiers de Critique Communiste"). p.47-58.

- DRUCKER, Peter. La fragmentation des identités LGBT à l'ère du néolibéralisme. *Revue Période*, 2014. Disponível em: <<http://revueperiode.net/la-fragmentation-des-identites-lgbt-a-lerre-du-neoliberalisme/>>.
- \_\_\_\_\_. *Warped: Gay Normality and Queer Anti-Capitalism*. Leiden: Brill, 2015.
- DUGGAN, Lisa. The New Homonormativity: the Sexual Politics of Neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana D. (eds.). *Materializing Democracy: Toward a Revitalized Cultural Politics*. Durham: Duke University Press, 2002. p.175-194.
- \_\_\_\_\_. *The Twilight of Equality: Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack of Democracy*. Boston: Beacon Press, 2004.
- ENG, David. *The Feeling of Kinship: Queer Liberalism and the Racialization of Intimacy*. Duke University Press, 2010.
- EVANS, David T. *Sexual Citizenship: the Material Construction of Sexuaities*. Londres: Routledge, 1993.
- FERGUSON, Roderick A. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- FLOYD, Kevin. Making History: Marxism, Queer Theory, and Contradiction in the Future of American Studies. *Cultural Critique*, n.40, 1998, p.167-201.
- \_\_\_\_\_. *The Reification of Desire: Toward a Queer Marxism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. *La réification du désir: vers un marxisme queer*. Paris: Éditions Amsterdam, 2013.
- \_\_\_\_\_. Marxisme et théories queer: divergences et convergences (entrevista com Kevin Floyd, coletada e traduzida por Mathieu Bonzom e Gianfranco Rebutini). *Contre-temps: Revue de Critique Communiste*, 21 maio 2014. Disponível em: <<https://www.contretemps.eu/marxisme-et-theorie-queer-divergences-et-convergences-entretien-avec-kevin-floyd/>>.
- FRASER, Nancy. *Justice Interruptus: Critical Reflections on the Postsocialist Condition*. Nova York: Routledge, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Heterosexism, Misrecognition, and Capitalism: a Response to Judith Butler. *Social Text*, n.52-53, 1997b, p.279-289.
- HARPER, Phillip Brian et al. Introduction. Queer Transexions of Race, Nation, and Gender. Special issue of *Social Text* 52-53, Fall/Winter 1997, p. 1-4.
- HARVEY, David. *The Enigma of Capital and the Crises of Capitalism*. London: Pofile Books, 2010.
- HENNESSY, Rosemary. Queer Visibility in Commodity Culture. *Cultural Critique*, n.29, 1994-1995, p.31-76.
- \_\_\_\_\_. *Profit and Pleasure: Sexual Identities in Late Capitalism*. Nova York: Routledge, 2000.
- MELAMED, Jodi. The Spirit of Neoliberalism: from Racial Liberalism to Neoliberal Multiculturalism. *Social Text*, v.24, n.89, 2006, p.1-24.
- MERCK, Mandy. Sexuality, Subjectivity and... Economics? *New Formations*, n.52, 2004, p.82-93.
- MORTON, Donald. The Politics of Queer Theory in the (Post)Modern Moment. *Genders*, n.17, 1993, p.121-150.

- MORTON, Donald (ed.). *The Material Queer: a LesBiGay Cultural Reader*. Boulder: Westview Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. Pataphysics of the Closet. In: ZAVARZADEH, Mas'ud; EBERT, Teresa L.; MORTON, Donald. *Marxism, Queer Theory, Gender*. Nova York: The Red Factory, 2001.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- PATTON, Cindy. Tremble, Hetero Swine! In: WARNER, Michael (ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p.143-177.
- PELLEGRINI, Ann. Consuming Lifestyle: Commodity Capitalism and Transformations in Gay Identity. In: CRUZ-MALAVÉ, Arnaldo; MANALANSAN IV, Martin F. (eds.) *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism*. Nova York: New York University Press, 2002. p.134-145.
- PEÑALOZA, Lisa. We're Here, We're Queer and We're Going Shopping! A Critical Perspective on the Accommodation of Gays and Lesbians in the U.S. Marketplace. In: JACOBSEN, Joyce; ZELLER, Adam (eds.). *Queer Economics*. Abingdon: Routledge, 2008. p.304-329.
- PUAR, Jasbir K. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham: Duke University Press, 2007.
- RICHARDSON, Diane. Desiring Sameness? The Rise of a Neoliberal Politics of Normalization. *Antipode*, v.37, n.3, jun. 2005, p.515-535.
- ROSENBERG, Jordana; VILLAREJO, Amy. Introduction: Queerness, Norms, Utopia. *GLQ: a Journal of Lesbian and Gay Studies*, v.18, n.1, 2012, p.1-18.
- RUBIN, Gayle. Penser le sexe. Pour une théorie radicale de la politique de la sexualité. In: *Surveiller et jouir: anthropologie politique du sexe*. Paris: Epel, 2010 [1984]. [Ed. bras.: *Políticas do sexo*. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017.]
- SEARS, Alan. Queer Anti-Capitalism: What's Left of Lesbian and Gay Liberation? *Science and Society*, v.69, n.1, jan. 2005, p.92-112.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. Épistémologie du placard. Trad. Maxime Cervulle. Paris: Éditions Amsterdam, 2008.
- SHAPIRO, Stephen. Marx to the Rescue! Queer Theory and the Crisis of Prestige. *New Formations*, n.53, 2004, p.122-127.
- SINGH, Nikhil Pal. *Black Is a Country: Race and the Unfinished Struggle for Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- TOMBA, Massimiliano. *Marx's Temporalities*. Leiden: Brill, 2012.
- WARNER, Michael. Introduction. In: *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p.VII-XXXI.
- \_\_\_\_\_. *The Trouble with Normal: Sex, Politics, and the Ethics of Queer Life*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

## Resumo

O artigo busca identificar as convergências e divergências entre as teorias *queer*, materialista e marxista, e propõe, a partir desses diálogos teóricos, a defesa de um “marxismo *queer*”. O autor faz um cotejamento entre as concepções de

materialismo e história em Judith Butler e Marx e defende que a filósofa permite abrir um diálogo sobre o neoliberalismo e o funcionamento da economia em suas análises. A partir de trabalhos recentes dos marxistas Kevin Floyd, Alan Sears, Peter Drucker e Rosemary Hennessy e dos teóricos *queer* Roderick Ferguson, Lisa Duggan e Michael Warner, propõe um diálogo que conversa na elaboração *queer* do marxismo e em uma elaboração marxista das teorias *queer*.

**Palavras-chave:** marxismo *queer*; materialismo *queer*; materialismo; identidades sexuais; teoria *queer*.

### **Abstract**

The article seeks to identify the convergences and divergences between queer, materialist and marxist theories. It proposes, from these theoretical dialogues, an agenda of a “queer marxism”. The author makes a comparison between the conceptions of materialism and history in Judith Butler and Marx and argues that Butler allows queer theory to open a dialogue with neoliberalism and its economy in its analyses. Through the analysis of the recent works of marxists such as Kevin Floyd, Alan Sears, Peter Drucker and Rosemary Hennessy, and queer theorists Roderick Ferguson, Lisa Duggan and Michael Warner, the author proposes a queer’s elaboration of marxism and a marxist elaboration of queer theories.

**Keywords:** queer marxism; queer materialism; materialism; sexual identities; queer theory.